

Release para o disco Fuloresta do Samba

Hermano Vianna

2002

Siba tem posto garantido no meu panteão de heróis, em algum lugar entre Zé Coco do Riachão e a turma do Slayer. Essa declaração não é exagero de press-release. Já tinha simpatia pelo Mestre Ambrósio, mas me tornei fã incondicional do Siba quando ele atuou como guia para os registros de Música do Brasil na zona da mata pernambucana. Ali, no seu território mais amado, descobri que sua atitude diante daquilo que é chamado de "folclore" é também uma aula de democracia cultural, onde as diferenças interagem para melhorar a vida, o pensamento e a arte de todo mundo.

A relação de Siba com os brincantes de cavalo-marinho e maracatu-rural, para citar dois estilos que conhece como poucos, não é demagógica, nem paternalista, nem condescendente, nem deslumbrada. É claro que respeita seus mestres, mas os mestres também o respeitam, não apenas como discípulo aplicado, mas como mestre (de outras novas brincadeiras) também. Os dois lados da relação permanecem diferentes - e é porque são diferentes que têm algo de interessante para dizer um para o outro - mas o contato é de igual para igual.

Em todo canal que chega, Siba homenageia seus mestres, mas também é homenageado: não como um político que quer votos em tempo de eleição, e apesar das aparências, é sempre inacessível; mas sim como alguém que é íntimo, e querido por todos, e que seu amor sincero pela música daquele lugar aumenta o orgulho que todo mundo tem de estar ali, dançando e tocando daquele jeito. A homenagem para Siba é uma homenagem para a própria brincadeira.

E é bom que as coisas não parem por aí, em homenagens. O respeito que Siba têm por essas músicas não é paralizante. Ele sabe que o segredo da vitalidade da "cultura popular" é a inovação dentro da tradição, a inovação que só é feita por quem respeita a tradição (que não soe como paradoxo: é uma tradição inovadora). A brincadeira de um ano nunca deve ser igual à brincadeira do ano que passou - se for imutável, desaparece, perde a graça para quem brinca. O novo vem de dentro e de fora da comunidade brincante. Sempre foi assim. Siba é apenas mais um agente da inovação.

Este disco é a prova mais concreta da alta qualidade tradicionalisticamente inovadora do trabalho de Siba. É também o coroamento de um longo processo, que teve início quando ele pela primeira vez encontrou um mestre de cavalo-marinho, nos seus tempos de universidade, ao trabalhar como ajudante do etnomusicólogo norte-americano John Murphy. Esse processo acabou tendo outro momento decisivo quando Siba se mudou de São Paulo para Nazaré da Mata. Ali montou uma nova banda (que fique claro: o Mestre Ambrósio continua bem vivo, e com Siba), com músicos das redondezas, novos e velhos, quase todos integrantes dos mais tradicionais maracatus da região, e com eles inventou uma nova música e uma nova maneira de fazer e gravar música.

Tenho orgulho de ter apresentado Siba a Beto Villares, diretor musical do Música do Brasil. O encontro dos dois já rendeu muito. Beto e Siba gravaram juntos o maravilhoso (bota maravilha aí) CD de Humberto de Maracanã, que entre seus vários méritos pode ser considerado um marco por ter encontrado um jeito de captar o som do bumba-meu-boi maranhense como é tocado nas ruas, isso sem perder o peso sonoro de uma produção pop. A dupla foi aprimorando assim uma técnica mais criativa de gravar com músicos que nunca entraram em estúdio antes - para quem colocar um headphone é uma experiência de outro planeta - e estilos musicais que nunca foram registrados decentemente.

Beto foi ao encontro de Siba em Nazaré da Mata com 200 quilos de excesso de bagagem, um equipamento digital que tem com destino habitual estúdios caros e isolados do mundo por uma barreira de ar-condicionado. As gravações foram feitas no engenho Lagoa Dantas, em Nazaré, e o som ambiente da cidade se mistura a todas as faixas, deixando clara a relação sem fronteiras, entre a música e o local onde é criada/produzida.

O clima do disco está impregnado por essa experiência de vida e som. Os fundamentos do maracatu-rural e da ciranda, apropriados com toda reverência que merecem, servem de base para uma sucessão - de tirar o fôlego - de faixas quentíssimas, pra-pular, com uma sonoridade heavy-folclórica. É uma combinação de percussão com o tiroteio dos sopros que levantaria qualquer festa, se os DJs e programadores de rádio fossem realmente inovadores e não tão isolados dentro de suas tradiçõezinhas xenófobas (com honrosas exceções, é claro, que se tornam mais honrosas por serem tão raras).

Disse antes que este disco é o coroamento da trajetória musical de Siba. Atenção: coroamento aqui deve ser entendido como ritual decisivo, que não é final de carreira, apenas início de reinado. A experiência apenas começou. E a tradição brincante da zona da mata pernambucana ainda vai nos surpreender com muita inovação.